



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

CORREIO  
EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaiato

Quinzenário • 10 de Agosto de 2013 • Ano LXX • N.º 1811 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

### O definitivo e o provisório

UMA questão séria, nos tempos actuais, tem a ver com o modo provisório ou definitivo como se põe em prática a vocação pessoal.

As imensas possibilidades que hoje a vida oferece, de multiplicar experiências sem limites de espaço e de qualquer tipo de coacção social, de grupo ou familiar, cria no espírito das pessoas a predisposição para nada assumir como definitivo: na formação profissional, na relação conjugal, nos serviços à comunidade, no exercício da vocação. Em suma, o provisório assume preponderância nas respostas aos compromissos com os outros e com Deus.

Naquilo que nos toca mais de perto, a consagração da vida, de toda a vida ao serviço de uma causa, parece esfumar-se. Vemos centenas de pessoas a exercer voluntariados a tempo reduzido ou numa extensão de tempo



curto, sem se vislumbrem motivações que impliquem uma mudança de vida. De facto, a vocação é sempre conducente a uma mudança de vida; deixar um modo de vida e passar a assumir, por inteiro, outro, mais enraizado, consciente e autodeterminado que o primeiro.

Quando esta mudança é consequência do chamamento de Deus, implica esquecer o primeiro modo de vida e assumir, por inteiro, o segundo como definitivo. Vindo de Quem vem, a vocação não irá sofrer novas mudanças no futuro, mas uma constante matu-

ração até à sua realização plena.

O serviço dos Pobres, nas crianças, doentes ou velhos, estados ou etapas de vida mais débil, carece de estabilidade, para que Eles adquiram em si a segurança necessária para serem felizes.

Na nossa Obra sentimos a necessidade destas vocações, de Padres, Senhoras, Pessoas que se dediquem inteiramente e permanentemente ao serviço d' Eles n' Ela, para que aqueles para quem e com quem vivemos experimentem essa estabilidade e segurança que necessitam: o Rapaz para que cresça e se

faça um homem, e o doente para que leve a sua cruz sem a arrastar, como dizia Pai Américo.

Este é o sentido verdadeiro da semente que, lançada à terra, morre, para que dê muito fruto. Da morte tirar a vida. Ao contrário, semente que não morre fica só, e não pode frutificar.

O chamamento, a um modo de vida novo, é de Deus. A resposta é do homem. Havendo atenção e disponibilidade para O escutar, espaço para Ele nas vidas humanas, haverá vontades decididas para Lhe responder com agrado. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

### Tempos de lazer e de fazer

SE Nosso Senhor e os meus senhores não levarem a mal, direi desta vez que tivemos mesmo de retorquir a um Camará, garotito que nos interrompeu com inocência na purificação do cálice, no momento mais alto do dia: — Sr. Padre, quero um berlinde... Ora bolas! Contudo, com tão pouco se é feliz. E o que seria de nós sem o Altar?

Tinham sido dias de safra, protegidos na cabeça e com oliveiras por perto, em que se pisou a terra para tirar os tubérculos que as pragas disputam. Há tempo para plantar e tempo para arrancar. O pão da nossa subsistência, de que fala Jesus, é uma questão primeiro de justiça, distribuição e suor, desde cedo.

Não nos convence certa mentalidade a querer reinar e da vida quotidiana que, nomeadamente em férias escolares, o trabalho ou ocupação dos jovens seja um parente tão pobre contraposto aos excessos de lazer. As diversões benéficas devem ser complementares das obrigações, consoante as idades e capacidades, tanto mais quando se tem o sangue na guelra. O trabalho é a nossa fonte de riqueza e de alegria, no dizer

Continua na página 4

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

DÁ-ME ganas de voltar ao Papa Francisco, ou Francisco simplesmente, como a televisão lhe chama. É um Papa de todos. Disse-se que deixou o Brasil mais católico. Não admira. As palavras e os gestos são apelativos, dentro, à margem e fora da Igreja. Até ironia fina de estilete que corta até à medula dos ossos. Governo, Igreja, marginalizados sociais, jovens, todos foram apanhados nas malhas da sua rede. Uma linguagem nova? Não. A mesma de Cristo até hoje pela boca de profetas corajosos para o seu tempo, como foi Pai Américo. Vislumbra-se, já, uma alvorada de Amor. Só Ele vence o mundo. «Depôs dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes», como cantou Maria, a escrava do Seu Amor. O Espírito Santo actua contra a corrente. Aos jovens no Brasil Francisco disse: «Tenham coragem de ir contra a corrente». Pai Américo foi um revolucionário pacífico, andou sempre contra a corrente e, até por isso, foi anátema, amaldiçoado, para muitos. Mas para ricos e pobres nunca. As suas palavras punham uma mão no coração do rico e outra na mão do pobre. A sua Obra da Rua continua a sê-lo, por um Estado laicisante que, ao de leve mas hipocritamente, passa a mão pela Igreja e lhe deixa os escombros ou os vômitos da sua embriaguez, para que cure, que limpe, que lave, que acolha, que vista, que chegue à boca dos moribundos os sobejos de quem ainda tem mais, mas sobretudo dos que

Continua na página 2

## BENGUELA

Padre Manuel António

### Não nos cansemos de fazer o bem

ESTA mensagem caiu no meu coração, esta manhã, e quero partilhá-la convosco. Se não desfalecermos, colheremos o fruto no tempo oportuno. Portanto, enquanto temos tempo, partilhemos o bem para com todos, sobretudo com os mais necessitados. Quem dera as nossas vidas fossem animadas pelo dinamismo destas palavras! Está muito viva a memória de Pai Américo. Por isso, no domingo, 21 de Julho, foi celebrado o dia da Obra da Rua para toda a Família da Casa do Gaiato, de fora e de dentro. O encontro com os filhos, netos e bisnetos, da nossa Casa do Gaiato de Benguela foi um motivo de muito grande alegria. Os mais pequeninos, sobretudo, não escondiam a sua admiração por terem uma família tão numerosa. Sim, o padrão familiar é a alma do projecto educativo da Casa do Gaiato.

Há momentos, num encontro com três dezenas de jovens escuteiros e seus respectivos chefes, que vieram passar o dia connosco, a Casa do Gaiato de

Benguela apareceu como a Casa de Família dos filhos sem família. Os seus corações ficaram entusiasmados de tal modo que desejavam prestar a sua ajuda. É saudável, como sempre, este tipo de visitas. Há uma mensagem, vista com seus próprios olhos, que levam para as suas vidas.

Não falta, contudo, quem pense que a Casa do Gaiato é a solução para todos os problemas dos filhos. Esta manhã, também, veio um pai, muito preocupado com o comportamento dos seus dois filhos, à porta da adolescência. Fogem de casa e da escola, disse. A resposta não podia ser outra. Os filhos propostos têm pai e, por isso, a responsabilidade da sua educação cabe aos pais. Doutra forma, seria precisa uma Casa do Gaiato em cada rua e em cada bairro. Problemas deste tipo abundam no seio das famílias. Uma questão, porém, deve ser posta: Os pais acompanham, tanto quanto é possível, a vida dos seus

Continua na página 2

# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**AS PARÁBOLAS DO TESOIRO E DA PÉROLA** — O Evangelho do dia, em que esta crónica está a ser escrita, é sobre as parábolas do tesouro e da pérola.

«Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola.» (Mateus 13, 44-46).

Se este “tesouro” e esta “pérola” estivessem por aí à vista de todos e se não fosse preciso renunciar a muita coisa para os obter, seria fácil, mas Jesus previne-nos que não é assim. Temos que procurar activamente esse “tesouro” e, quando o encontrarmos, temos que renunciar a muita coisa que nos é querida. Nesta busca temos que ter a consciência de que esse “tesouro” está escondido. Há muita coisa que nos impede de o vermos.

Este tempo de Verão é um tempo de distração, de relaxamento e de procura dos nossos prazeres da vida. Isto pode não ser propício a descortinarmos o tal “tesouro” de que estamos aqui a falar, mas convinha que não fosse assim. Por isso, nos ocorreu este lembrete adequado à quadra que atravessamos.

Estas parábolas também nos fazem pensar numa situação que nos ocorre com frequência no trabalho vicentino e a outros que andam no trabalho social. Muitas vezes parece-nos que o nosso trabalho não dá resultado. As pessoas que ajudamos têm muita dificuldade em largar comportamentos que as prejudicam e que prejudicam os outros, por mais que façamos para que deixe de ser assim. Em muitos casos em que intervimos, parece que só conseguimos ser eficazes nalguns. Temos em mãos várias situações destas. O tal “tesouro” ou a tal “pérola” de que andamos à procura parece que estão muito escondidos. Talvez até estejam, mas o que por vezes não nos deixa vê-los é que esse “tesouro” e essa tal “pérola” também estão aí, ou até, principalmente aí, nesses casos que achamos difíceis e “sem solução”. Não conhecemos os caminhos de Deus, nem o que cada ser humano pode fazer. Por isso, o melhor é deixarmo-nos levar por Ele e renunciarmos ao que nos impede de o fazer, incluindo os nossos juízos apressados sobre as outras pessoas e sobre o que achamos que Deus quer para nós e para os outros.

**O nosso NIB:** 0045 1342 40035435340 43

**Os nossos contactos:**

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: [carvalho.mendes@sapo.pt](mailto:carvalho.mendes@sapo.pt) — Telem.: 965464058 □

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

**DIA DE PAI AMÉRICO** — Comemorou-se mais um encontro dos Antigos Gaiatos no passado 21 de Julho, Domingo, apesar de o dia exacto ter sido na segunda-feira, dia 16 (dia de nascimento de Pai Américo para o Céu), perfazem agora 57 anos. O programa delineado para este dia, foi cumprido na íntegra e começou bem cedo, com a realização da Assembleia-Geral da Associação dos Antigos Gaiatos, na nossa sede, para prestação de contas do ano anterior e votação do plano de actividades para o período de 2013/14. Foi votado, por unanimidade e com um voto de louvor, proposto pelo associado António Valente de Oliveira (Peixeira) que presidiu à Assembleia. Queremos lembrar que para o próximo ano haverá eleições. Esperamos que até lá apareça sangue novo, com novos projectos e novas ideias, para que a Associação se mantenha viva e actuante junto dos Antigos Gaiatos que se queiram associar a ela.

Antes da Missa, houve uma singela romagem à nossa Capela, ao túmulo de Pai Américo, com uma deposição de flores, tendo sido lembrado, também, o nosso querido Padre Carlos, que foi para junto do Pai, vai para dois anos.

A Eucaristia foi celebrada pelo Director da Obra da Rua, Padre Júlio. Seguiu-se o almoço, partilhado com todos os gaiatos, ao ar livre, aproveitando a sombra junto à casa 3. O café foi servido nas novas e funcionais instalações do bar.

A tarde foi de convívio, tanto desportivo como musical.

Houve, ainda, tempo para um mergulho refrescante na piscina, antes da despedida, com um saboroso caldo verde acompanhado pelas sobremesas sobranças do almoço.

O objectivo principal deste encontro é reunir a Família Gaiata em torno de um objectivo comum: *fazer de cada rapaz um Homem*. Marcante neste dia, foi o ambiente familiar a imperar, em que a partilha e a sã convivência entre todos nos fez sentir que, com união, todos os esforços valem a pena. Que a Associação continue no bom caminho, para ser um ponto de encontro dos Antigos Gaiatos; afinal, um dos grandes objectivos para que foi criada — em espírito solidário. □

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**SALADE CONVÍVIO** — As coisas não duram sempre. O aparelho de televisão, antigo, dessa sala, caiu do suporte e desfez-se... Não aguentou o peso da idade. Por isso, foi comprada outra televisão, pois gostamos de ver o desporto, especialmente o Benfica e o Sporting...

**AGROPECUÁRIA** — Continuou a regar-se o milho, a arranjar-se os jardins e cortaram-se as ervas daninhas na nossa casa dos pobres, nos Bujos. Depois, do corte da rama das

batateiras, a 29 de Julho começaram-se a arrancar as batatas na *terra nova*. Na horta, temos apanhado couve serrana e vagens dos feijoeiros para a sopa. Trataram-se as latadas das videiras. Um porco esteve doente.

**FÉRIAS NA PRAIA DE MIRA** — Vieram de férias na praia os Rapazes mais pequenos, tendo regressado a 30 de Julho, terça-feira. Aproveitaram para tomar banho no mar, brincar no areal da Praia de Mira. Depois do almoço, todos os dias, dormiram

a sesta. Naturalmente, os Rapazes fizeram as obrigações. Enquanto nas idas à praia, os Profs. Paula e Paulo acompanhavam os miúdos, no serviço doméstico esteve a orientar a D. Nazaré. Aos Domingos, tivemos Missa pelo nosso Padre Manuel; e comemos gelados! O segundo turno, dos mais crescidos, seguiu naquele dia, acompanhados pelo José Fagundo, o José António e a D. Odete.

A todos, se as tiverem, férias retemperadoras! □

## MOÇAMBIQUE

Félix Luís

Desde o dia 16 que estamos a celebrar a Festa do Pai Américo, todos os dias um grupo de rapazes tem apresentado algo da vida e Obra do nosso Pai. Tem sido uma alegria ver com quanta emoção todos vivem, procurando saber mais sobre o que fez e continua fazendo em nossas vidas.

Terminamos o segundo trimestre, os resultados não foram bons. Agora temos 15 dias de descanso e vamos aproveitar para recuperar, pois restam 3 meses para o fim do ano lectivo, e todos queremos passar de ano.

Neste fim-de-semana, a nossa Casa ficou mais cheia de alegria, todos os mais velhos aproveitaram para celebrar a Festa do Pai Américo. E o casal António Gertrudes e Zubaida, trouxeram, para baptizar, o pequenino Yanick, de um ano. À tarde aproveitaram para ir jogar a bola connosco.

Temos recebido muitas visitas. Um, passam o dia e trazem o seu apoio em roupa, alimentos, material escolar; outras, vêm para passar mais dias e apoiar no que for preciso; e aquelas que, com muito carinho,

todos os anos marcam a sua presença com trabalhos definidos: apoio à formação, atendimento em estomatologia e oftalmologia.

Neste tempo seco, as queimadas descontroladas incomodam o nosso dia-a-dia. É preciso muita atenção pois com o frio os animais escondem-se e os caçadores, a fim de afugentá-los, chegam o lume e acabam provocando muitos prejuízos ao meio ambiente. Estamos constantemente em campanha de sensibilização para a defesa do nosso planeta. □

## PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

**DANÇA** — No passado dia 28, um grupo de Rapazes foi participar num concurso de dança nos Bombeiros Voluntários de Cête, organizado pelo nosso Lupicínio. Dançaram duas músicas e foram excelentemente aplaudidos pelo público que enchia o salão. No final do espectáculo houve entrega de prémios e um merecido lanche.

**DESPORTO** — Chegado o final da época futebolística, os Rapazes têm andado a praticar atletismo, desde o campo de futebol até ao cimo da mata. Alguns, como não

conseguem ir até à mata, ficam-se por dar voltas ao campo de futebol. No regresso da mata, ainda há forças para fazer ginástica, para que, quando chegar a nova época, o nosso Grupo Desportivo esteja em boa forma.

**BATATA** — Terminou a nossa época da apanha da batata. A colheita rendeu mais do que o ano passado e a batata saiu com melhor qualidade. A colheita era sempre feita de manhã, indo os Rapazes, de seguida, mergulhar na piscina. A batata é um alimento essencial para as nossas refeições, ao longo de todo o ano.

**O GAIATO** — Continua a ser acompanhado, vez sim vez não, por um capítulo de banda desenhada sobre a vida e Obra do nosso Pai Américo. Teríamos muito gosto em que os nossos assinantes dessem a conhecer o nosso Jornal aos seus familiares, amigos e colegas de trabalho, para se tornarem também assinantes d'O GAIATO. Muito obrigado pela vossa amizade. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 36.150 exemplares

## BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

filhos, desde pequeninos e, sobretudo, nesta fase da pré-adolescência? O acompanhamento do educador é fundamental para o êxito da sua missão. Infelizmente, a demissão destes cuidados acontece com muita frequência. Daí, as consequências tristes que fazem dos filhos mais vítimas do que réus. Quanta paciência é necessária! Só o amor verdadeiro é capaz de gerar este fruto precioso. Vivemos, todos os dias, esta realidade. Sem amor não há vida feliz. A fecundidade, resultante do bem que fazemos, é a condição da verdadeira felicidade. Por isso, é muito actual a mensagem contida nas palavras iniciais: *Não nos cansemos de fazer o bem*. Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem, sobretudo com os mais necessitados.

Nesta linha de pensamento e acção, recebemos uma mensagem de Luanda, duma grande amiga da nossa Casa do Gaiato que

desejava fazer uma oferta. Sabia do momento difícil que estamos a atravessar. Queria saber o número da nossa conta no banco. Mandou-nos uma ajuda que nos deu muita confiança e alimentou a nossa esperança. Praticou o bem com os necessitados. A senhora D. Leonor

Lelo entrou, deste modo, a fazer parte da nossa família, desde os mais pequeninos aos mais velhos. Continuamos à espera e não queremos que o desânimo entre, como um ladrão, em nossas vidas. Queremos caminhar de mãos dadas convosco e o coração a apertá-las. Um beijo para todos vós dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

têm pouco, mas muita Fé. Soa-me atrozmente aos ouvidos, como se alguma vez tivesse ouvido, o grito dos condenados às feras no Circo Romano: «Ave César, morituri te salutem» Para quem não percebe: *Viva o imperador, os que vão morrer te saúdam*. Viva Deus, pelos que têm fé, que põem a sua vida a servir, pelos que têm fome e sede de justiça, que dão comida a quem tem fome, água a quem tem sede, roupa a quem anda nu, livros e escola a quem não tem, abrigo aos refugiados das guerras que o mundo sem Deus alimenta, aos esquecidos pela família, aos que morrem pela saúde dos outros, aos inconformados políticos, aos revoltados, aos presos e drogados sem luz para suas vidas. Meu Deus que Sois a Luz sem ocaso, este mundo que é Vosso, a despençar para a desagregação, precisa de perdão, em atenção àqueles que Vos servem até à exaustão. □

## VINDE VER!

Padre Quim

## Aspirações e necessidades



**Q**UANDO, por força das circunstâncias que marcam a nossa vida familiar, nos é permitido fazer uma paragem no percurso que habitualmente trilhamos, pode-se reconhecer a experiência que fez Maria, sentada aos pés de Jesus, a escutá-l'O, enquanto Marta não encontrava serenidade por estar aflita, inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só era necessária. Aquela que sua irmã escolhera. Assegura-lhe Jesus: «Escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada». O serviço, como prática exterior, completa o que já se começou a fazer no acto da oração, que sustenta e sacia a vida interior da Pessoa. Ela é o ponto alto da missão do *“revolucionário pacífico”*, é desde lá que se vê tudo: carências, tendências, aflições — e todos de sofrimentos escondidos, que o mundo jamais se aperceberá.

A sociedade dos homens, excessivamente atarefada, aflige-se constantemente por tornar

seguro e duradouro o que o tempo torna caduco e perecível. Continua a não descobrir a melhor parte. Por isso, o que ela mais deseja possuir, atraiçoa a direcção feliz para chegar à meta. Os sócios correm, o mesmo fazem os associados, o dinheiro vai e vem, em malas ou em cartões. «A pobreza ninguém lhe mexe, é coisa santa». O petróleo extraído, não resolve o problema dos Pobres, serve, sim, para atrair os poderosos e trair, humilhando, os fracos. Os filhos desta Pátria, rotos e esfaimados, doentes e abandonados, vêm testar o bem que se lhes é devido fazer. Ele é a única bandeira para levantar o mundo. Pois é o Bem! O sofrimento de milhares de crianças, carentes de pão e de amor, sem família e sem carinho, inspira a urgente intervenção do coração, e não de ideologias que excluem os necessitados. A criança amparada e compreendida, revela o segredo que escondia na rua: — O desejo infinito de ser amada e querida.

O Cacinda tem quatro anos; por isso, vai à creche acompanhado, sempre, por um irmão que o conforta ao colo. Foi encontrado pelos Bombeiros, algures na cidade. Não dizia mais nada senão o seu nome — e fazia gestos para que se lhe deitasse mais comida no prato. Hoje, fala e canta — o homem novo a renascer das cinzas. Encontrar uma família que ajuda a crescer estas crianças, com um sonho a realizar no futuro, vale mais que as descobertas de novos jazigos de petróleo. Para o ano, o nosso pequenino irá à escola normal, pois tem direito como têm os filhos dos senhores desta terra. Pois é filho do Pai do Céu, Autor de todos os bens. É do Alto que vem esta luminosa expressão.

Somos uma Obra mendicante. Pobres que acolhem outros pobres que as injustiças do mundo fabricam. É possível transformar a história, elevando ao nível da dignidade de Pessoa todos os rejeitados pelas estruturas de exclusão social.

Veio um grupo de estudantes, da Universidade católica do Lobito, conhecer a nossa vida familiar. No fim, visitaram as instalações e levaram no coração as nossas dificuldades: Tecto das casas por restaurar, pintura interna e externa, o campo sem água para produzir cem por um, a falta de recursos para construir um muro no limite da nossa propriedade — para afastar os perigos da violência física e moral da beira da criança.

Aos corações onde esta semente vier a germinar, nasça um pequenino gesto de solidariedade e de amor ao próximo desfavorecido.

Quanto vale salvar os que andam sós pelos caminhos! □

## UMA VISITA

Padre João

**S**EM se fazer anunciar, como é próprio dos amigos, certo Adelino apareceu ao fim da manhã deste sábado último. Era um amigo pontual e assíduo dos meus tempos de Miranda. Quando me deslocuei para Paço de Sousa, continuou a aparecer. Agora, em Setúbal, veio, de novo, marcar presença. Como de costume: um carro cheio de mercearia e outras coisas de grande utilidade. Feita a descarga, fomos dar uma volta à quinta, para que apreciasses os extensos milheirais e o feijoad de que já falámos, no rescaldo da colheita.

Enquanto íamos, admirado com a vastidão do verde milho, a sua memória voou para os tempos e os espaços de Miranda, recordando a primeira vez que ali se deslocara com a família, para cumprir uma promessa. Confidenciou, a certa altura, que duas coisas o marcaram: o ambiente de despojamento e que ao cumprimentar-me notara que as minhas mãos estavam calejadas: «Isso impressionou-me principalmente...» — acrescentou. A mim também... eu que hoje mal posso erguer de cima da terra uma simples sachola...! Disse-lhe que não me recordava já de tal episódio. A nossa visita terminou ao fundo da quinta. Enquanto observávamos o quadro eléctrico e a cabine completamente carbonizados por um recente curto-circuito e já em fase de restauro; vivamente impressionado com a falta de água para as regas e supondo bem os custos elevados do restauro, atalha emocionado no fim do almoço: «a despesa, daqui para a frente é da minha conta», isto, enquanto deixava a documentação a figurar na factura.

Nestes dias, o Papa Francisco acabara de poisar no Brasil. A conversa foi por aí fora e, naturalmente, aos gestos deste Homem de Deus, pastor do Seu Povo, agora em terras tão desfavorecidas; do bem que toda a Igreja sente e o próprio Mundo também, com sua escolha e eleição: «Sabe, a Igreja está viver um tempo de muita luz e esperança...» — remata, acertadamente.

No fim do almoço, na despedida, no aperto de mão, a tal outrora “calejada” e agora — como se corporal de linho do mais puro bragal, fosse — despeja a carteira toda com o que continha, retomando o seu antigo hábito de despedida... As mãos dos sacerdotes foram um dia unidas para tornarem presente sobre o corporal o «Sacramento da Caridade...». Este nosso Amigo, membro do Povo Sacerdotal, que é a Santa Igreja, sabe intuí-lo sob o olhar da fé e a sabedoria do coração. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Só o Bem apaga o Mal que outros fazem. Na economia divina não se pega em armas; põem-se as mãos, a guerra estupenda das mãos postas, fazendo o bem a toda a gente por amor de Deus e das almas.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.

## DOCTRINA

Pai Américo

## É preciso dizer a verdade toda



«**N**ÃO demos a ninguém ocasião alguma de escândalo, para que não seja vituperado o nosso ministério; antes em todas as coisas nos portemos como ministros de Deus, com muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoutes, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; com castidade, com ciência, com longanimidade, com mansidão, com o Espírito Santo, com caridade não fingida, com a palavra da verdade, com a virtude de Deus, com as armas ofensivas e defensivas da justiça; por honra e por desonra; por infâmia e por boa fama; considerados como sedutores mas verdadeiros; como desconhecidos mas conhecidos; como morrendo e eis que vivemos; como castigados mas não amortecidos;

como tristes mas sempre alegres; como pobres mas enriquecendo a muitos; como tendo nada e possuindo tudo.»  
2.ª Coríntios, VI/3-10.

**C**OM a resolução de fundar um jornal, dirigi naquele tempo meus passos vacilantes a Lisboa. À passagem pelo Porto, tive ocasião de subir a um quinto andar da rua dos Pelames, o que veio atizar a minha ideia pelas coisas que ali vi... Isto foi em Fevereiro de 1944. A Casa do Gaiato de Paço de Sousa tinha nascido em Março de 1943 — um ano. O que vira e ouvira na rua dos Pelames, encheu-me o coração. Eu ia tomado de uma grande dor. Se até ali sentia necessidade de dizer, agora muito mais. Por outro lado, a

experiência daquele pequenino ano tinha-me ensinado que os jornais de grande tiragem não aceitam *ninharas*; só coisas sérias e importantes. E um deles que, julgo, por delicadeza aceitou, deu o meu artigo à estampa por tal forma mutilado que perdera com isso toda a verdade e sabor. Por tudo isto, crescia dentro de mim o desejo de falar.

**E**M Lisboa indicaram-me a repartição aonde havia de tratar. Vieram os senhores. Eram oficiais do Exército. Quente ainda da minha visita ao quinto andar dos Pelames e sabendo das naturais recusas da Imprensa, eu desatei a falar àqueles senhores: que era preciso dizer a verdade toda. E disse e disse e disse. Os senhores não abriram a boca. Não fizeram um gesto. Mandaram-me esperar. Retiraram-se do gabinete, deixando-me ali sozinho! Já sei, disse para mim mesmo. Falei demais. Vou ser preso. Adeus jornal. «Portemo-nos como ministros de Deus nas tribulações, nas angústias, nos cárceres.»

**S**EMANAS depois o jornal via a luz do dia e começou, desde a primeira hora, a ser, em Portugal e para os portugueses, uma grande luz. Todo ele é um programa; o programa do Evangelho. De propósito chamamos hoje aqui o testemunho de S. Paulo. Estas suas palavras duras não foram escritas nem são dirigidas a elites. Eram, sim, para as comunidades cristãs de Corinto. São hoje para as comunidades cristãs de todo o mundo. Pujantes ontem como agora, nada perderam do seu valor. Os cristãos é que sim. Tanto assim é que estranha-se, fala-se, admira-se. A Obra da Rua anda na boca de toda a gente. Uns amam-na, outros atiram-lhe pedras e todos a sentem. E tudo isto é só porque os cristãos de agora perderam o sabor. Não compreendem como é que sendo um pobre, possa enriquecer muitos; e não tendo nada, possa, na verdade, possuir tudo. Não compreendem.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

## O Papa numa favela

O Papa Francisco visitou uma favela no Rio de Janeiro, Brasil, nas Jornadas Mundiais da Juventude.

Ordinariamente não vejo televisão, por falta de tempo; mas, estando internado com uma simples intervenção cirúrgica a um joelho, tive oportunidade de olhar, de vez em quando, para os noticiários.

Muito me consolou o facto de o Santo Padre ter visitado uma favela.

Ouvi da sua boca a expressão de um desejo sincero, de entrar em cada uma das casas e beber, com cada família, um cafezinho.

Que grande lição para as cúpulas das igrejas locais e para todo o povo cristão a começar pelos mais influentes e responsáveis.

Os Pobres foram a preferência de Jesus e de Deus através de toda a História bíblica e o seu auxílio, um testemunho de que o Senhor Deus era vivo.

Lembro-me de ouvir dizer, com extraordinário encanto, que o Cardeal Cerejeira visitava um bairro enorme de barracas, em Lisboa, chamado Curraleira, de onde criei alguns rapazes.

Na minha juventude, era uma luz que se acendia, um entusiasmo evangélico que germinava com força dentro do meu espírito e me animava a abraçar o sacerdócio cristão.

O Bispo, ir visitar os Pobres, era algo que sempre me encantou. O Pastor consola as suas ovelhas mais doridas, assume para dentro de si o sofrimento delas, marca, perante a autoridade cívica e o mundo enganador, uma posição esclarecedora.

Julgo que até mesmo o Padre Américo, terá falado dessas atitudes cardinalícias n'O GAIATO. Ninguém duvida que aquele Bispo de Lisboa, tenha gozado de uma

enorme admiração pela Obra do Padre Américo.

Ao contemplar as chusmas de crianças e de pobres, quase sem esperança para a vida, ardia, dentro do seu coração, uma profunda inquietude.

Houve uma grande revolução habitacional, as barracas desapareceram, nas grandes cidades, até há pouco tempo, e as famílias foram transferidas para os chamados bairros sociais.

Veio um Concílio. Uma enorme renovação litúrgica. A Palavra de Deus tornou-se mais acessível, mas... ficou-se por aqui. Pouco se adiantou.

Quem ouviu dizer que o responsável máximo de uma igreja tenha visitado um bairro social e entrado nas casas mais miseráveis, quem?

Muito me alegraria saber que um pastor visitara um bairro social e havia entrado numa casa para ver a penúria e a quantidade de crianças que nela habitam, em tantos lugares a monte: janelas partidas, portas arrombadas, ausência de mobiliário e dos mais elementares electrodomésticos, água cortada, energia desaparecida e um cheiro imundo nos andares.

Criaram centros sociais. Acudiu-se a imensa gente, promoveram-se muitas famílias, mas... sempre na retaguarda, à maneira dos agentes do Estado.

Não basta que o Pastor visite o centro social, um lar da terceira idade ou outras instituições destinadas pela Igreja a jovens e crianças, porque, aqui, a dor não se manifesta tanto. É preciso ir à vanguarda, lá, onde se enfrenta o inimigo: a miséria, a ignorância e a incapacidade de crescer humanamente.

O Papa Francisco tem sido ousado, não por tática pastoral, mas por intuição evangélica! Quando brilha a Luz de Deus, diminui a força das trevas.

Enquanto estive internado apareceu, aqui, nesta Casa do Gaiato, num sábado, à tarde, uma família a pedir socorro. Era a tia que se incomodava com a sorte do seu irmão, da sua cunhada e dos seus sobrinhos. Tinham uma casa, mas não possuíam qualquer mobília.

A senhora que as atendeu, olhando para a perna dela, negra como o carvão, disse-lhe: — *Mas isso é falta de circulação.*

Resposta imediata: — *Pois é, minha senhora, mas eu não tenho dinheiro para comprar os remédios.*

Foi uma tarde de alvoroço aqui em Casa, segundo me contaram. É que esta família pobre sob ameaça: «se não arranjassem casa decente, tirar-lhes-iam os filhinhos» e a cunhada, parturiente na maternidade do hospital, não poderia sair da enfermaria, se não tivesse casa capaz.

Aparentemente tudo parece certo, menos o facto de, por serem pobres, ficarem sem os seus filhos.

E eu pergunto agora, quantos centros de acolhimento de crianças, sob a égide da Igreja Católica vão indagar bem as razões desse acolhimento? Não basta a sentença dos tribunais, nem o aval do Estado nem o testemunho das técnicas. É preciso a gente ir ver e avaliar, porque o que parece justiça em favor das crianças, pode ser uma tremenda injustiça sobre elas e a sua família.

Demos mobílias para toda a minicasa: uma cozinha grande, dois quartos e uma casa de banho, roupas de cama, mesa e cadeiras, e a senhora comprometeu-me a visitá-los.

— *Eu hei-de ir lá, quando o Senhor Padre estiver bom.*

A gente nem acredita. Os pobres sofrem muito por serem pobres e é injusta a pressão social sobre eles. *É uma iniquidade!*

«*Não nos cansemos de lutar para fazer desaparecer as desigualdades sociais*». Gritou o Papa Francisco, na favela do Brasil.

É uma palavra de ordem, sempre viva, do representante actual de Jesus Cristo na terra. □

## MALANJE

Padre Rafael

## Ela escolheu a melhor parte...



Panorâmica da Casa do Gaiato de Malanje

ESTAVA preparando a máquina de fazer blocos quando se aproximou um dos nossos Rapazes, que estuda em Luanda, e me perguntou quais eram os objectivos que queria alcançar este ano.

Recordei, por instantes, que sempre quis ajudar aqueles que necessitam e o fui fazendo de diferentes modos. Que isso me supunha muitas implicações e compromissos, e que sempre me exigiu um pouco mais. Que por detrás da palavra *Pobre*, há sempre uma pessoa com nome e apelido. Que *fazer e ajudar* se confundem mutuamente.

Como Marta, cada dia te atrefas em fazer coisas que, afinal, só são importantes para ti. E o pior de tudo, é que acabas por te zangar com Deus, porque tudo está mal. Que a melhor parte das coisas as fazemos pensando que está bem ou é o correcto para nós.

Recordei-me de muitas pessoas por quem lutei; depois, lutámos juntos; depois, se converteram em irmãos... Lembrei-me que fomos ensinados a confiar gradualmente, na medida em que se quer...

Entretanto, lembrei-me de Maria e me dei conta de que tudo parte do saber estar. Se pensasse que aquele a quem chamamos Pobre, fosse um pequeno Jesus. Se me sentasse a escutá-lo, se passasse a tarde a lavar os pratos com ele, ou a estender a roupa juntos... se pensasse que a sua casa é a minha casa... seus problemas, os meus problemas... que o seu e o meu vai ser, de agora em diante, o nosso... que aconteça o que acontecer, o amor terá sempre a última palavra.

Levantei a cabeça e disse-lhe que o meu objectivo é o mesmo de há seis anos: — *Estar aqui cada dia.*

Chamou-me a Irmã Marlene, porque tínhamos de ir buscar um bolo, que havia sido preparado pelas Irmãs Clarissas, para os gaiatos. Amanhã, celebramos a Festa de Pai Américo... Quando chegámos perto da casa das Irmãs, era uma autêntica festa, pois todos ajudavam a preparar a comida do dia seguinte.

A preparação da festa é tão importante como a própria festa, e com um pouco de ajuda eles organizam tudo. Primeiro, uma reunião de chefes para concretar o que se vai comprar e como se vai organizar o dia. Depois, mãos à obra: Missa, comida, tarde recreativa, festa, prémios... tudo por eles.

Muitos deles gostam de fazer biscoitos, sobretudo os mais pequenos. Alguns não são capazes de jantar, porque já comeram quatro ou cinco durante a preparação. Que alegria é vê-los comer... vê-los rir... vê-los felizes — acabas por aprender a contemplar.

Amanhã será um dia de Família na Obra da Rua...

Uma Obra dos Pobres, para os Pobres, pelos Pobres. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

tão assertivo do Padre Américo. É deformativo que tantos adolescentes vegetem Verões inteirinhos sem fazerem esforço algum, o que não conduzirá ao avanço geracional e social. Até quando, neste modo de vida, se poderá plantar e colher à vista de toda a gente? Bem vamos dizendo a esta malta: — *Olhai que a comida não nasce nos supermercados...*

Por outro lado, com os cortes nas ofertas escolares e sucessivas reformas (?) instrutivas, não se estará a protelar demasiado a entrada na componente operativa dos novos? Temos andado, ao jeito de pedintes, a esmolar cursos ditos profissionais. Esta escolaridade é reduzidamente vocacional, adiando a sua entrada nas áreas preferenciais. Entre nós, dois Rapazes, entre 15 e 16 anos, gostariam de seguir cozi-

nha e mecânica, mas não é fácil encontrar-se aqueles rumos. Quantos dos que vêm em cacos de montureiras, nos têm provado, apesar dos seus atrasos escolares, que nas áreas propriamente técnicas vencem mais. Na sua vida, em Casa, vai-se procurando não prescindir das actividades básicas e até ecológicas: as obrigações domésticas e o contacto com os animais e o crescimento das sementeiras.

Desviámo-nos para as jeiras das batateiras e tivemos mesmo de sacudir o pó das sandálias para vos dizer que a subsidi dependência em permanência é uma inconsciência. Já agora, os moços acabaram de chegar esbaforidos das leiras em sonante algazarra, depois de se vergarem e empoeirarem e separarem as batatas por calibres. O pó daquela *arrinca*, afinal, vai reforçando a necessidade de se inventar e dar que fazer, para além dos espaços

escolares e não se deixarem para trás aqueles que, em termos cognitivos e comportamentais, requerem outro acompanhamento.

Depois de umas boas horas ocupados numa terra funda, seguiram-se uns mergulhos acrobáticos e uma bucha valente de benesse de iogurtes. E, ainda, houve tempo para jogar ao berlinde, abrigados na copa das tílias e no círculo do poço fronteiro à entrada do velho solar, transformado em Casa-Mãe. É uma moda que não desarma e um bom escape para distender certas emoções. Quando a garotada discute sem sabermos porquê, pois todos querem ser os melhores da sua rua, é melhor não se meter a foice nessa seara.

O que não conseguimos é deixar de nos interrogarmos sobre o teatro nacional e internacional, das discussões fúteis e decisões erradas, com medidas socioeconómicas des-

trutivas, negligenciando e prejudicando os mais frágeis. Há assuntos demasiado sérios que envolvem os pobres e são fulcrais para a sobrevivência e a convivência da nossa sociedade, que não podem ser tratados como se fossem monopólio de interesses duvidosos.

Chegou-nos uma carrada de taxas moderadoras de vários Rapazes que ainda não foi possível isentar. Ao reclamar o que é de direito, urge também ensinar a pescar, melhor, a semear em boa terra. Incentivar o desenvolvimento social passa, assim, pela promoção de uma instrução verdadeiramente adaptada

às opções pessoais dos mais novos e também pela sua saudável ocupação para além dos bancos das escolas, de forma que não patinem até à maioridade. Haverá coragem de se fazer caminho também com um ensino técnico, real e actual, logo desde os 12 anos? Entretanto, para não baixarmos os braços, com batatas e berlindes coloridos, vão-se fazendo amigos. O tempo de *lazer* também é para *fazer* e, assim, cada filho *crescer* para *ser* um homem. *Fazer de cada Rapaz um homem.* Jesus começou, de rapazito, com José, na arte de carpinteiro. E é, justamente, o patrono da Igreja! □